

SOCIABILIDADE
E CULTURA MATERIAL NAS REDES
SOCIAIS DA INTERNET: ANÁLISE
DA RELAÇÃO DOS JOVENS
CIDADE DE BELÉM E ÁREA
METROPOLITANA

**SOCIABILIDADE
E CULTURA MATERIAL NAS REDES
SOCIAIS DA INTERNET: ANÁLISE
DA RELAÇÃO DOS JOVENS DA
CIDADE DE BELÉM E ÁREA
METROPOLITANA**

MANUELA DO CORRAL VIEIRA

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA, BELÉM/PA, BRASIL

SOCIABILIDADE E CULTURA MATERIAL NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: ANÁLISE DA RELAÇÃO DOS JOVENS DA CIDADE DE BELÉM E ÁREA METROPOLITANA

Resumo

A pesquisa versa sobre a construção da identidade entre os jovens residentes na cidade de Belém e área metropolitana, no que tange a influência das redes sociais de Internet. O texto aqui apresentado envolve reflexões teóricas e análise do campo relacionadas às questões da sociabilidade e da cultura material das redes sociais de Internet e dos sujeitos que nelas interagem, envolvendo impactos na relação interpessoal com o outro e com o social. Busca-se, assim, avaliar de que maneira e em qual nível estas tecnologias encantam e influenciam os sujeitos à medida que interagem com estes e se relacionam com a construção de suas identidades.

Palavras-chave: Redes sociais da internet, sociabilidade, cultura material, identidade e internet

SOCIABILITY AND MATERIAL CULTURE ON SOCIAL NETWORKING SITES: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN YOUNG PEOPLE FROM BELÉM METROPOLITAN AREA

Abstract

This research investigates the construction of the identity among young people living in the city of Belém and the metropolitan area, regarding the influence of the internet social networks. The study involves theoretical reflections and fieldwork based analysis of categories of sociability and material culture for the internet social networks, discussing how these technologies influence as they will interact with the subjects, thereby influencing in their subjectivities, social interactions and, consequently, in the construction of their identities.

Keywords: Internet social networks, sociability, material culture, identity, internet

SOCIABILIDAD Y CULTURA MATERIAL EN LAS REDES SOCIALES DE INTERNET: ANÁLISIS DE LA RELACIÓN DE LOS JÓVENES DE LA CIUDAD DE BELÉM Y EL ÁREA METROPOLITANA

Resumen

La investigación se centra en la construcción de la identidad entre los jóvenes que viven en la ciudad y área metropolitana de Belém, en cuanto a la influencia de redes sociales de internet. El texto que aquí se presenta trata de reflexiones teóricas y análisis de campo de las cuestiones relacionadas con la sociabilidad y el material de las redes sociales, la cultura de Internet y los sujetos que interactúan en ellas, que implican impactos en las relaciones interpersonales con los demás y con el social. El objetivo es, pues, evaluar cómo y en qué nivel estas tecnologías fascinan e influyen en los temas a medida que interactúan y se relacionan con la construcción de sus identidades.

Palabras-clave: redes sociales de internet, sociabilidad, cultura material, identidad, internet

Endereço da autora para correspondência: Universidade da Amazônia, Campus Alcindo Cacela, Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA), Av. Alcindo Cacela, 287, CEP 66.060-902 - Belém/PA. E-mail: manuelacvieira@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme destaca a pesquisadora em comunicação Raquel Recuero, “embora as tecnologias não tenham sido, em sua maioria, construídas para simular conversações, são utilizadas deste modo, construindo, portanto, ambientes conversacionais” (Recuero 2012:34-35). Acrescento que a definição de redes sociais da internet é compreendida, pelo estudo aqui proposto, como tecnologias capazes de promover, com base na mediação, a interação entre os indivíduos. Apesar da pertinência das pesquisas realizadas por Recuero (2004, 2011, 2012), observo que esta interação entre as tecnologias e os sujeitos deve ser pormenorizada e aprofundada a partir, sobretudo, dos estudos da cultura material e dos conceitos daí advindos acerca da objetificação, conforme será desenvolvido em um próximo trabalho.

Logo, segundo as contribuições destas abordagens, é possível reflexionar acerca de quão responsáveis se tornam nossos objetos pelo que somos, uma vez que a relação entre sujeitos e objetos nem sempre é feita apenas em uma única via, dando mostras de que a interação operacionalizada entre indivíduo e computadores, indivíduo e rede, por exemplo, apresenta influências situadas antes mesmo da interação entre indivíduo e outro indivíduo.

Esta perspectiva remete-nos às proposições de Donna Haraway (2009), em sua obra *Manifesto Ciborgue*¹, na qual defende que a própria tecnologia que utilizamos nos constrói e se insere em nosso subjetivo de uma maneira pela

qual não é mais possível uma autonomia puramente humana em qualquer ação, uma vez que as ações tidas como humanas são, em realidade, combinações, sutis ou mais fortemente marcadas, entre sujeitos e objetos/tecnologia. Desta maneira, o ciborgue é o resultado entre prática, realidade e imaginação, tanto na esfera *on-line*² quanto *off-line*³, a partir da construção da identidade e da relação com o Outro, inclusive mediada por computadores.

O digital atravessou esferas e, por nossa própria busca e necessidade, teve seus papéis sociais desdobrados e seu alcance ampliado. Entretanto, algumas questões, no que tange o potencial influenciador destes objetos na vida dos sujeitos e a forma como estes, podem ter suas condutas e posturas de vida modificadas, por isso, seguem permeando indagações sobre os efeitos desta relação com os computadores e os demais dispositivos que permitem, principalmente, o acesso à internet. Se estaríamos, nós, realmente, mais ativos socialmente ou, muito pelo contrário, tornando-nos sujeitos mais solitários diante do placebo efeito de nossas tecnologias ou, ainda, até que ponto estaríamos dispostos a explorar ou experimentar as versões de nós mesmos?

O que será encontrado nestes escritos é o resultado de entrevistas que realizei utilizando dois filtros: ser usuário de redes da internet, não importando a frequência, e a de se autorreconhecer como “jovem”, categoria esta a ser desenvolvida em estudos posteriores. Confesso que esta foi uma das partes mais surpreendentes da pesquisa, pois a partir dessa autoconceituação, os

interlocutores acabavam por exemplificar, de diversas maneiras, as razões pelas quais realmente consistiam o “sujeito de estudo”. Caso contrário, creio que, se fosse a partir de meu próprio julgamento, muitos interlocutores não teriam sido envolvidos por esta pesquisa, uma vez que existia a possibilidade de escolhê-los mediante faixas etárias, o que, possivelmente, levaria a resultados distintos dos aqui observados.

Para facilitar o acompanhamento dos relatos e propiciar um retorno aos nomes fictícios dos sujeitos, apresenta-se, a seguir, quadro esquemático para dis-

posição metodológica dos interlocutores. Ressalta-se que as características de suas identidades e falas serão aprofundadas em análise à medida que recorreremos a estas informações no decorrer da escrita. O recurso trata-se apenas de um ponto de partida para apresentação esquemática dos interlocutores. Desta forma, acrescenta-se que todas as entrevistas foram realizadas na cidade de Belém e área metropolitana, individualmente, em caráter *off-line* e em dias diferentes, o que totalizou cerca de quatro meses para que as onze fossem concluídas.

Quadro 1.

Interlocutores da pesquisa de campo

Nome ⁴	Idade	Atividade/Formação profissional
Lúcio	16 anos	Estudante do Ensino Médio
Marcelo	17 anos	Estudante do Ensino Médio
Vinícius	21 anos	Estudante universitário
Carla	24 anos	Psicóloga e estudante universitária
Danilo	25 anos	Estudante universitário
Marta	25 anos	Estudante universitária
Dalila	25 anos	Educadora Física
Edgar	25 anos	Estudante universitário
Tadeu	26 anos	Publicitário
Lia	27 anos	Médica
Rodrigo	31 anos	Professor

Ainda sobre a metodologia da pesquisa de campo realizada, esclareço que me reservo o direito de preservar as identidades dos interlocutores, uma vez que algumas revelações e desabafos envolvem traços muito íntimos destes sujeitos. Esta é a razão pela qual optei pela utilização de nomes fictícios, com a finalidade de resguardar o que me foi dito, algumas vezes em tom de confissão. Desta forma, a metodologia selecionada para este projeto muito me ensinou sobre pontos de vista e me le-

vou a buscar análises que melhor me ajudassem a compreender não apenas as falas dos interlocutores, mas igualmente os silêncios e os suspiros de uma resposta.

SUJEITOS E TECNOLOGIAS

Um importante ponto para este estudo diz respeito à concepção trazida pela cultura material, através dos estudos dos antropólogos Daniel Miller (2000)

e Alfred Gell (1992) sobre a potencialidade que a objetificação das páginas da internet desempenham nos sujeitos, podendo estes serem tanto os criadores quanto àqueles que entrarão em contato com estes objetos. Faz-se então a observação de que o repasse acelerado das informações encontra apoio em algumas ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias digitais, o que nos leva a perceber que se a comunicação na internet está cada vez mais imediata e sucinta, este não é mérito exclusivo das redes sociais e sim do fenômeno da internet como um todo.

Excelente exemplo para a questão são as leituras hipertextuais, comumente chamadas de *hyperlinks*⁵, que permitem o acesso de diversos conteúdos, o que termina levando ao fenômeno que faz Miller (2000) desenvolver seu estudo *A fama dos trinidadianos: Websites como armadilha*⁶, no qual afirma que os aspectos estéticos analisados como armadilhas dos *sites*⁷ não estão tão vinculados a suas belezas, mas às propriedades visuais dentro de suas eficácias sociais. Gell (1992) defende que as armadilhas, mais do que refletirem o modelo de um “criador” e de um “visitante”, constituem uma forma de ligação entre estes dois protagonistas no tempo e espaço da cibercultura.

O conceito de “armadilha”, assim denominado por Miller, das redes sociais da internet, pode ser também reconhecido como *ciberzapping*⁸, característico do consumo fragmentado, imediato e pulverizado de informação na internet e nas redes sociais da internet. A esta velocidade da informação Pierre Bourdieu (1997:30) classifica, no contexto

da televisão, como “um elo negativo entre a urgência e o pensamento”, o que levanta o questionamento: mais comunicação significa mais informação?

Partilho a indagação do sociólogo, entretanto não quero afirmar, com isso, que tudo o que se consome na internet é de qualidade duvidosa e superficial, apesar de não negar o imediatismo das buscas, bem como do próprio consumo por informação e, talvez, das interações que estão sendo construídas, tanto no mundo subjetivo quanto no social.

O exemplo trazido pelo campo mostrou que todos os interlocutores possuíam seu próprio computador e raras foram as vezes que tiveram que compartilhá-lo com outros sujeitos de sua casa. Esta mudança em torno de um mesmo objeto, antes utilizado por um coletivo e hoje de maneira mais pessoal, interferiu, inclusive, para que uma seleção de conteúdo, muito mais individualizada, tivesse espaço, uma vez que, passando a ser este um objeto pessoal, a relação entre sujeito e objeto passou a ser mais intimista. Assim, na figura de um objeto de uso comum, certas privacidades não eram possíveis de serem mantidas, pois o acesso e utilização dos objetos estavam conferidos a mais de uma pessoa na residência.

Sobre isto, recordo que antes o computador consistia em um aparelho doméstico compartilhado com todos os que viviam na casa, dado, especialmente seu valor de mercado, muito mais alto nos anos 90 do século passado, em relação ao início do século XXI,

inclusive com mais possibilidades de formas de pagamento, daí porque hoje este objeto se tornou um bem quase que pessoal. Consequentemente, o aumento da privacidade na utilização do computador acabou por melhor refletir as formas de se expressar a identidade de cada qual através de seus objetos exclusivos, conforme Danilo relembra:

“computador chegou em casa no ano dois mil, ‘tava na 8ª série e era mais para os pais, aos poucos fui entrando e com acesso limitado: usa isso, não usa aquilo, era controlado. Hoje eu acesso mais de casa, no período da noite, geralmente. Nas férias, a maior parte do tempo, também estou em casa e acesso. Eu fico na internet, mas procuro estipular um prazo pra não ficar o dia todo conectado porque eu já passei muito tempo conectado, mas eu era mais novo, então além da internet demorar mais, perdia a noção do tempo, quando via era o papai abrindo a porta e perguntando: ‘e aí? Que é que tu ‘tá fazendo acordado?’. Já cheguei a virar muita noite na internet e nas redes sociais” (Danilo).

Quando indaguei se Danilo sempre utilizou as redes sociais da internet com a mesma finalidade e com as mesmas práticas e intenções, o entrevistado afirmou que estas sempre sofreram transformação em relação aos interesses que possuía e aos objetivos e funcionalidades que conferia. Por conseguinte, reconhece nas suas redes sociais objetivos específicos, os quais destacou tanto comportamentos acerca de interações sociais com seus amigos e familiares, como a importância que as informações disponibilizadas

nestas redes possuem na influência de decisões de compra, por exemplo, para o entrevistado:

“Eu tenho duas redes sociais da internet: o *Facebook* e o *Orkut*. Antes eu usava o *Orkut* para falar com meus amigos, mas agora todo mundo tem *Facebook* e eu uso o *Orkut* só para ver descontos das empresas que tem lá, eu também vejo a opinião das pessoas que compraram o produto, até porque eu gosto muito de fazer compras *on-line*, pela comodidade mesmo. Então só entro no *Orkut* para ver o que tá em promoção. Mas o que eu uso mais é o *Facebook*, que é por onde eu falo com meus amigos e vejo algumas notícias” (Danilo).

Sobre a utilização principal que a rede *Facebook* possui para Danilo, o interlocutor acrescenta, em análise geral:

“Hoje eu uso as redes sociais mais para manter contato com pessoas que já foram importantes, te ajudaram e não queres perder o vínculo, daí por mais que não se encontre toda vez ou não se ligue, mas tem o contato no *Facebook*. Já usei minhas redes para trabalho, para repassar informações, mas depois pensei: ‘ah credo, tem muita coisa da minha vida’, e tirei [as informações]. Mas costumo publicar umas informações de trabalho, quando sei que tem vaga de emprego em algum lugar, essas coisas. Agora colocar o teu perfil como um currículo ainda não. Eu até comecei a fazer isso, mas não acho muito legal porque tu deixa muito aberto. Eu, por exemplo, ‘tô em um trabalho, mas não ‘tô, devido problema de saúde. Daí colocar que eu estou fazendo curso pode ser complicado porque as

“pessoas não entendem e você dando muita satisfação, todo mundo dá opinião” (Danilo).

A fala de Danilo, ao detalhar as transformações que as interações realizadas com as redes sociais da internet, bem como do próprio relacionamento estabelecido com o objeto computador, leva-me a destacar, como um dos principais desafios que encontrei: o da dinamicidade da internet. Conforme destaca Gell (1992), a *web* é um movimento do pensamento e, por isso, é necessário analisar este objeto como um momento dentro de uma trajetória.

Desta forma, a partir das ideias e dos questionamentos planteados acima, realizei o levantamento da importância dos *sites* enquanto objetos de sociabilidade e de construção das identidades. Assim, o *ciberespaço*, por ser um contexto social, encontra-se aberto às inúmeras formas de significação que possam ter em mais de uma situação e para mais de um indivíduo. Considerando, mais uma vez, a contribuição de Clifford Geertz (1973), ressalto que é na cultura que a teia de significados se constrói e opera nas ações e pensamentos do sujeito.

Bem, como acabamos por nos ver/construir através da tecnologia, outras pessoas igualmente se veem e também nos percebem e nos interpretam, o que acaba por influenciar nosso comportamento e a vida em comunidade, tanto a digital quanto a concreta. Se o computador é uma ferramenta, não o é tão somente isso, pois este,

“oferece-nos tanto novos modelos da mente como um novo meio no qual podemos projetar as nossas

ideias e fantasias. Nestes últimos tempos, o computador tornou-se algo mais do que um misto de ferramenta e espelho: temos a possibilidade de passar para o outro lado do espelho. Estamos a aprender a viver em mundos virtuais” (Turkle 1997:11-12).

Utilizando a ideia de espelho acima, é através deste que podemos, então, não só observarmos e experimentar facetas e posturas novas, mas de interagir com o Outro e de perceber ou construir traços de nossa identidade. Busco compreender a construção da identidade, entre os jovens, através da interação com redes sociais da internet, percebendo este processo como uma relação complementar entre o espaço *off-line* e o *on-line*. Logo, se no *ciberespaço* lemos correspondências eletrônicas, publicamos e trocamos fotografias, enviamos mensagens, dentre outros, estas todas são formas de interação com o mundo, logo, com o ambiente social. Por isto, creio que as identidades, na época da internet, não podem ser compreendidas sem estarem vinculadas com uma contínua percepção do sujeito sobre si, inclusive mediante a influência de contextos e situações, tanto *off-line* quanto *on-line*, na vida destes.

Seguindo esta linha de análise, destaco os apontes de Georg Simmel (1971), ao afirmar que, apesar da interação entre indivíduos sempre surgir a partir de propósitos específicos, não podemos deixar de considerar a importante parcela que os objetos desempenham neste processo, pois considerando a carga de informação e possibilidades de interpretações que estes objetos, no caso

do estudo de Miller (2000), possuem, é através deles que as experiências de interação, conseqüentemente de sociabilidades, acontecem e se multiplicam, uma vez que o objeto em questão não precisa ser compreendido como algo estático e sim como um objeto que possui vida e trajetória próprias, independentes daquelas de seus usuários (ou também poderíamos acrescentar o debate de quem é o usuário de quem).

Edgar destaca o papel que as redes sociais da internet desempenharam para esclarecer a homossexualidade. Assim, o interlocutor destaca, sobretudo, a obtenção de informações e as estratégias e possibilidades de sociabilidade que encontrou nestas redes, para que, ao conhecer pessoas, percebesse como estas se portavam, os locais que frequentavam, a forma como falavam. Tendo como exemplo a metáfora do espelho, Edgar enxergava nos outros laços que se afrouxavam ou se fortaleciam com práticas as quais se interessava ou demonstrava interesse e afinidade. Neste sentido, relembra:

“no começo eu fiz parte de várias comunidades homossexuais, procurando por pessoas, mas mais amizade, se rolasse sexo depois, ótimo, se não, ótimo também,. O importante era conhecer pessoas, para saber como era o modo de vida delas, como elas se comportavam perante a sociedade, para julgar o que eu posso ou não posso fazer, o que eu gosto ou não.

Justamente pela identificação das atitudes e comportamentos é que eu agregaria ou não coisas a minha identidade. Daí eu fazia parte de *chats* que eram divididos por tema,

desde falar de animais, até de sexo” (Edgar).

A troca de informações na rede é peça fundamental para que o conhecimento possa tanto ser emitido quanto recebido, assim é ensinado, mas também aprendido, configurando formas de comunicação, mas, sobretudo dos significados culturais (Geertz 1973) que norteiam as atitudes e o pensar dos indivíduos, bem como a busca identitária a partir de negociações e transformações constantes, uma vez que a sociedade é o resultado das interações culturais, estas sempre diversas e dinâmicas, conforme retrata Fredrik Barth (2000). Por esta razão, as práticas sociais, tanto individuais quanto coletivas, são conseqüências dos simbolismos e interferências das formas de viver dos sujeitos envolvidos em determinado contexto.

A complexidade das redes sociais da internet reside no fato de que as esferas simbólicas de construções culturais e identitárias são tênues e frequentemente passíveis de permeabilidade. Por exemplo, se uma informação é disponibilizada em determinada rede na internet, esta não está acessível apenas aos sujeitos que integram o ambiente no qual foi publicada, uma vez que há a capacidade do repleque de informações, permitindo que os mais diversos contextos, situações e sujeitos sejam acionados. Sobre esta situação, Edgar ressalta:

“conheci meu atual namorado pelas redes sociais da internet, mas agora eu tenho mais cuidado porque tinham alguns conteúdos do *Facebook* que eu acessava com fotos de homens com estereótipos que

eu achava interessante e eu curtia essas fotos e um dia ele [o namorado] comentou: ‘tem umas fotos que aparecem no teu *Facebook* de uns homens fortes, peludos’. E aí pensei: ‘meu Deus do céu, tô fazendo besteira!’. Primeira coisa que pensei: ‘poxa, ele vai ficar com raiva de mim pensando que eu ‘tô traindo’, mas depois pensei: ‘eu tenho crianças no meu *Facebook*, acho que algumas cenas, algumas imagens que eu curto chegam a ser um pouco chocantes’. Hoje em dia só admiro, transformei em obra de arte, não comento nem publico mais” (Edgar).

A problemática sobre o que se publica e o traço do limite entre público e privado também está relacionada ao uso que cada um daqueles sujeitos inseridos em uma mesma rede dará a elas. Uns argumentam, como Rodrigo e Dalila, que a internet é apenas utilizada para fins profissionais, relatam incômodos ao perceberem como determinadas questões são facilmente compartilhadas, enquanto deveriam pertencer à esfera particular do sujeito. Isto nos leva a perceber que, mesmo dentro de uma rede com interesse específico ao sujeito, este não é, necessariamente, compartilhado por todo o coletivo que congrega, levando à discordância de posicionamento e, em alguns níveis, ao abandono da rede por parte do sujeito que não concorda com determinadas posturas.

Desta forma, uma rede é convencionalizada e constituída por sujeitos que imprimem nesta, através de seus perfis pessoais, seus mundos interiores e extraem daí aquilo que pode ter de mais

comum aos membros. O que é dissonante provavelmente encontrará abrigo em outra rede e não será publicado naquela, em espécie de construções culturais com sua teia de significados permitidos e esperados (Geertz 1973).

A temática ou a intencionalidade da comunicação está vinculada não apenas com o instante em que ocorrem, mas com as experiências e situações também pretéritas, uma vez que o sujeito apropria-se do conteúdo de intersecção daquilo que lhe constitui, e que é, conseqüentemente, partilhado socialmente, seja no plano de grupos da vida concreta, quanto das redes sociais da internet, para expressar o que lhe representa. As próprias questões tecnológicas podem incentivar de que maneira estas interações entre conteúdos, sujeitos e performances irão interferir na construção das identidades envolvidas, mediante a influência da teia cultural (Geertz 1973) e dos processos dinâmicos de identidade, os quais trata Barth (2000) em seus estudos sobre as intencionalidades e as buscas que aproximam e afastam sujeitos e suas identidades, conforme destacado em trabalhos prévios.

A respeito desta tecnicidade, Recuero (2012) cita não apenas a capacidade de publicar mensagens, lê-las e comentá-las, mas, especialmente, o replique permitido na *interface* com estas tecnologias. Destarte,

“o que caracteriza essa conversação em rede, assim, é sua migração através das diversas redes sociais, sendo republicada por diversos grupos que assim ganham acesso à informação e participam da con-

versação. Observamos que essas conversações também acabam por introduzir indivíduos que não se conheciam e que não estavam diretamente conectados entre si [...], a partir das trocas na conversação, podem decidir conectar-se, adicionando-se às respectivas listas de amigos” (Recuero 2012:125).

Logo, se um sujeito decide replicar alguma informação, obtida em outra rede social, para que seus “amigos”, advindos de redes diversas, tenham acesso ao conteúdo, é muito possível que aconteça um encontro de intenções diversas, cruzadas a partir de um conteúdo em comum. Esta ação poderá ser capaz de fortalecer laços de sociabilidade, afrouxá-los e repeli-los, conforme propõe Simmel (2006). Entretanto, neste intervalo, impressões diversas podem ser geradas, como, por exemplo, opiniões expressas, tanto positiva quanto negativamente sobre o conteúdo exposto.

A possibilidade do replique faz com que Lúcio e Edgar não divulguem informações de cunho mais pessoal, seja na vida dentro ou fora da internet, pois argumentam que, no fim, estas esferas sempre se cruzam, demonstrando que nem sempre é possível criar limites, seja no mundo *on-line* quanto *off-line* acerca do meio em que determinado conteúdo estará restrito. Esta dificuldade também pode ser interpretada como o próprio ponto positivo da vida social, uma vez que, se não se tem uma clareza total dos limites de atuação e impacto de determinado conteúdo ou ação, inúmeras são as possibilidades de laços associativos entre sujeitos.

Desta forma, os objetos *sites* tornam-se capazes de agregar pessoas com interesses afins ou diferenciados, ao que Velho (1976) indica, em seus estudos de sociabilidade, como o complexo organismo dos relacionamentos sociais; entretanto, a abordagem trazida por Recuero (2012) e sua capacidade de multiplicar laços relacionais deve ser analisada igualmente através da dificuldade encontrada em se traçar os limites das esferas entre público e privado, visto que nem todos os conteúdos poderiam ser alvo de sociabilidade ou seriam do interesse de divulgação ampla ou para um sujeito específico.

SOCIABILIDADE E CULTURA MATERIAL NAS PÁGINAS DE INTERNET

Observam-se inúmeros desdobramentos que as redes sociais podem representar e interferir, enquanto sujeitos, na constituição individual e nas relações de socialização dos indivíduos. Para tanto, é necessário que estes objetos sejam interpretados dentro dos conceitos da objetificação para que possam ser percebidos além de suas características tecnológicas e passem a ser compreendidos, igualmente, na condição de coisas que representam, constroem e modificam, em distintos níveis, os sujeitos a sua volta. Exemplo disto é o de que, sendo o homem um ser social, o relacionamento acaba por ser estabelecido, inclusive, com alguns de seus objetos, contudo, a significação que estas ações receberam e a forma como foram praticadas e percebidas, modifica-se ao longo dos tempos e contextos.

Desta maneira, um sujeito decide ligar-se a determinada rede por um assunto específico ou por um interesse delimitado, como o caso anteriormente ressaltado de Edgar, acerca das informações que buscava nas redes sociais da internet sobre homossexualidade. Porém, esta busca trará consigo um mundo tão vasto que poderá interferir em toda a configuração e postura da rede. Edgar relata que, durante suas experimentações sexuais, costumava fazer parte de fóruns sobre assuntos relacionados à homossexualidade, todavia, o entrevistado não fazia filtros sobre as pessoas que teriam acesso às informações que publicava.

O comportamento foi responsável por gerar desconforto em sua família, especialmente quando sua mãe passou a fazer parte de uma de suas redes sociais da internet e reclamou que não seria interessante que as crianças da família, que também estavam na rede de Edgar, acompanhassem os “locais” por onde o interlocutor transitava na internet, muito menos suas opiniões sobre algo que considerava inapropriado e desnecessário, solicitando ao filho que parasse de publicar conteúdos de temática homossexual. Nenhum primo que estava na rede de Edgar havia se manifestado anteriormente sobre qualquer assunto relacionado a sua homossexualidade, porém bastou sua mãe entrar em um de seus ambientes sociais para que o entrevistado fosse chamado atenção e se sentisse reprimido e ordenado a evitar determinadas condutas.

Turkle (1997), em seu estudo sobre os *Multi-User Domains*⁹ (MUD), destaca que são a opção do anonimato e a

fluidez são as principais características que demarcam a diferença da internet em relação a outras formas de comunicação e sociabilidade. É permitida, através destas particularidades, a experiência de optar por viver diversas experiências, acionando ou refutando determinados aspectos da identidade, de acordo com o contexto. Apesar disto, ressalvo que esta não foi a ferramenta utilizada em profundidade pela maior parte dos sujeitos, visto que, um número significativo de interlocutores declarou preferirem não fazer uso do anonimato e reforçarem o que consideram traços mais marcantes de sua identidade, sobretudo, as performances vividas no mundo *off-line*.

Percebi, após análise mais detalhada, o que Simmel (2006) classificou como “seleção de conteúdo”, capaz de distinguir os laços de sociabilidade que serão estabelecidos ou afrouxados. Daí a razão pela qual, quando o interlocutor esbarrava em preconceitos ou situações delicadas, sobretudo nas questões da sexualidade e da religião, a opção pelo anonimato *on-line* era utilizada.

Foucault (1979), em análise específica sobre a temática da sexualidade, mas, em uma visão macro acerca da constituição de estados estáveis e condizentes com a norma, declara a questão de como o poder também é algo efêmero e que o discurso, assim como as identidades experimentadas, podem e acabam por assim o ser e apresentam suas próprias formas de libertação e resistência ao que não é permitido, mas, nem por isso, deixaria de ser desejado, neste caso, no campo do comportamento, demonstrando que os discursos

sos são diversos, porque assim o são os sujeitos: fluídos e plurais.

Não à toa, os interlocutores buscavam divulgar aspectos de suas identidades, através das páginas da internet, com a intencionalidade de fornecer um contexto de características para cada situação e finalidade. A ideia metafórica de redes mostra que estando os sujeitos nos nós, o que lhes liga é um fio de interesses afins que pode, a qualquer instante, receber a conexão e outros nós, bem como ser desatado para se ligar com outras pontas. Entretanto, estes momentos de conexão e de desconexão dos nós nem sempre são permanente, uma vez que existem interesses de prioridade, o que não significa um desaparecimento dos secundários. Desta forma, alguns nós estarão muito mais fortes do que outros, de acordo com o conteúdo que se trata e com os interesses buscados, através destes laços relacionais e associativos, pelo sujeito.

As chamadas “janelas”¹⁰ dos computadores na internet são as portas de entrada e também de saída das possibilidades que a internet oferece. Trata-se de características de uma pulverização do sujeito que, quase como em uma obra de ficção científica, pode estar em vários lugares em espaço e tempo próprios e particulares ao mundo digital. A exemplo de uma experiência de sonho, na qual o conhecimento de si passa pela experiência do que nem sempre se é familiar ou usual. O romancista inglês Lewis Carrol (2010) já no século XIX, trazia à tona a temática da busca por uma identidade, mas, sobretudo, a experiência de possibilidades, confor-

me ressalta em sua obra *Alice na terra do espelho*. O escritor surrealista argentino Jorge Luís Borges (1979), em seu *Livro dos Sonhos* também faz alusão ao jogo de imagens que temos e que acabamos por vivenciar do mundo ao redor e das percepções e anseios que trazemos adentro:

“- Agora está sonhando. Com quem sonha? Sabes?

- Ninguém sabe.

- Sonha contigo. E se deixasse de sonhar, o que seria de ti?

- Não sei.

- Desapareceria. És uma figura de um sonho. Se este rei despertasse, te apagarias como uma vela” (Borges 1979:134).

A experiência da fluidez pós-moderna, facilitada pelo computador e pela internet, mostra que o sujeito pode ser muitos e, não necessariamente, desaparecer com determinadas características, práticas e comportamentos ao desligar o computador. O pressuposto que me interessa trazer à discussão é de que algo do universo *on-line* acompanha o sujeito *off-line* e vice-versa, pois não considero esses universos como esferas distintas, mas sim em permanente conexão, com características mais ou menos acionadas, de acordo com o contexto e as intencionalidades almejadas e percorridas em *flâneries*.

Sobre isto, pude perceber como, no decorrer das falas, que grande parte dos sujeitos afirmou que, durante algum período, perderam o interesse por determinadas redes da internet. Em alguns casos, o interesse foi recuperado, mas, na maior parte, houve a subs-

tituição de uma rede social da internet por outra. O que mais saltava à análise destas falas era um momento de vida que acarretava em mudanças comportamentais: a entrada na Universidade, viagens realizadas, novas amizades, a entrada em um estágio, a graduação na Universidade e a mudança de trabalho foram os principais momentos de vida que determinavam quando uma rede deixava de fazer sentido para os sujeitos que entrevistei. Em alguns casos, busca-se nas redes sociais da internet algo que não possui uma relação direta com algo vivenciado *off-line*, mas, em virtude de despertar o interesse, o entrevistado ia em busca de determinada informação que considerava pertinente à formação de sua identidade, embora reconhecesse que a interpretação do senso comum era a de que se fazia parte de uma rede social sobre determinado assunto, automaticamente o sujeito havia passado ou passava por temáticas afins. Carla declarou, como exemplo da diversidade de conteúdos que lhe interessa e que lhe constrói:

“No *Twitter*, eu gosto de música gospel e de rock, se a pessoa tiver algo interessante para me acrescentar eu não tenho problema com isso [com a diversidade de assuntos e identidades encontradas entre os sujeitos nas redes sociais da internet], até porque eu tenho muito cuidado para não rotular ninguém. Eu tento sempre ir além do primeiro impacto [primeiras impressões e conceitos]. Acho que deixo bem claro que tenho gosto bem diferente um do outro, nunca tive problema de esconder isso, ‘tá lá na minha página [perfil da internet da entrevistada].

[Por exemplo] Tinha um fórum que eu participava que era de debate sobre homossexualidade e era muito mais por ele trazer notícias, não por ser uma comunidade de pessoas homossexuais, muito mais pelas informações que trazia. Eu participo de fóruns de violência doméstica e nunca sofri violência doméstica, participo de fórum de abuso sexual, que eu também nunca sofri, não é uma coisa que esteja pertinente a minha história de vida, mas participo porque acho interessante os debates” (Carla).

Sobre a percepção acima de Carla, reconheço que, embora não faça parte de ações, a busca por estas temáticas de interesse fazem sim parte da história de vida da interlocutora, ainda que esteja envolvida com o plano das ideias e dos conceitos. Sendo assim, um conteúdo interessado e do qual se busca informação, não seria uma demarcação de história de vida? Não seria uma ação verbal ou mental? Desta forma, por mais que o sujeito não tenha a vivência de atitudes e situações físicas sobre determinados conteúdos, a ação do pensamento poderia implicar em traços de sua identidade.

Por conseguinte, não é apenas determinado conteúdo da rede da internet que adquire relevância, mas toda uma situação de vida percebida, ainda que muito mais no plano do subjetivo, pelo sujeito que o fazia distanciar-se das características que antes lhe eram mais presentes, mais marcantes ou até de maior interesse, em prol de outras conjunturas de vida. Daí porque muitas das principais mudanças sentidas pelos interlocutores afetavam diretamente

suas práticas sociais e, conseqüentemente, as formas de se relacionar com o conteúdo das redes e os sujeitos que a elas estavam ligados. Recuero (2012) argumenta que os perfis da internet são uma forma dos sujeitos demarcarem suas presenças em um espaço caracteristicamente fluídico e sem concretudes de espaço. Assim, o sujeito se constrói performaticamente através de fotos, assuntos que se interessa ou que publica, a maneira como se expressa, os amigos que possui, dentre outros.

O ato de pertencimento a uma determinada rede confere o desenvolvimento de um capital social ao sujeito, com o intuito de fortalecer seus relacionamentos e suas experiências, o que acaba por interferir diretamente, bem como ser a própria causa de determinados traços na identidade do sujeito, uma vez que apesar de vir do coletivo, através das redes, este capital social pode ser apropriado ou transformado pelo indivíduo. No caso da internet, a possibilidade de acesso a quase todo e qualquer conteúdo permite que determinados contextos sejam conhecidos e possíveis interações aconteçam de uma maneira mais fácil do que seriam no plano da vida *off-line*. Outrossim, o espaço ao qual o sujeito poderá influenciar suas condutas e buscas, não mais será um limitador geográfico, já que dirá respeito a um território praticado socialmente.

Lúcio destacou ter entrado em contato com fóruns de diversos países até decidir ser ateu, tema este não discutido em profundidade com sua família católica. Edgar teve certeza de sua homossexualidade a partir dos conteúdos que lia,

vídeos que assistia e imagens que tinha acesso nas redes sociais que fazia parte na internet, as quais lhe conferiram não apenas material sobre a temática, como a segurança do anonimato acerca de uma questão que, afirma, esbarra em preconceitos sociais. Nos dois casos, as experiências tidas na internet não foram exploradas em profundidade no mundo *off-line* destes sujeitos, mas interferiram em suas identidades, tanto *on-line* quanto *off-line*. Barth (2000) classifica esta atitude como a fluidez da construção identitária, mediante o contexto de significantes e de significados que configuram as relações com os demais e com o mundo social, a partir da construção do que reconheço como uma narrativa identitária.

Sobre isto, Jacques Derrida (1996) frisa que a escrita de uma narrativa acontece não apenas com a participação do autor, mas pela contribuição da audiência, podendo ser o próprio silêncio ou a omissão de determinadas informações, uma estratégia de comunicação. Como Foucault (1971) assinala, os percursos gerativos do discurso podem ser os mais plurais possíveis, desta forma, a interação com a tecnologia digital influencia na construção da identidade e de sua percepção. O desenvolvimento deste raciocínio leva à recuperação do conceito sobre os computadores no âmbito do social. Criados com o intuito de serem ferramentas, até quase o final do século XX, esta tecnologia era percebida como mera máquina de fazer cálculo. Dentre algumas mudanças na utilização destes objetos, é destacado o surgimento da internet como um dos grandes responsáveis por fazer

com que as ideias postuladas por Derrida (1996) e por Foucault (1971) fossem observadas no ambiente digital.

“Há quinze anos, na cultura popular, as pessoas estavam ainda a habituar-se à ideia de que os computadores podiam projectar e expandir o intelecto do utilizador. Hoje em dia, as pessoas começam a aceitar a noção de que os computadores podem expandir a presença física dum indivíduo. Algumas pessoas usam os computadores para expandir a sua presença física através de ligações vídeo em tempo real e salas de reunião virtuais. Outras recorrem à comunicação mediada pelo computador para encontros sexuais no ecrã” (Turkle 1997:29).

Um perfil da internet não se constitui em algo estático, já que acompanha as transformações sofridas pelo sujeito, que pode mudar, a qualquer instante, uma ideia, uma opinião ou um interesse. Uma vez que os perfis auxiliam na interação e na contextualização relacional entre sujeitos, podem ser adaptados de acordo com os valores e as intenções de cada momento regido por expressões e percepções específicas. Todas estas consistem em maneiras associativas de se relacionar no espaço imaterial das redes da internet e de vestir de informações um corpo imaterial; e é nesta busca por se construir um “cartão de visita” a ser disponibilizado de acordo com as características e interesses de cada rede que o sujeito tem a possibilidade de experimentar facetas de si, interferindo em sua construção identitária: “A conversação, portanto, constitui e reconstrói o perfil, oferecendo elementos para a construção de

identidade e também dependendo desta para se construir através de performances conversacionais com outros atores” (Recuero 2012:141)

Da mesma maneira, ao longo do estudo de campo, percebi que cada rede social da internet possuía, muitas vezes, finalidades específicas para os interlocutores, podendo ser apropriadas para propósitos específicos e que diferiam ou se complementavam entre si. Para Marta, enquanto seu perfil na rede *Twitter* está mais direcionado para a busca de informações profissionais, seu *Facebook* já tem um cunho lúdico informal mais marcante, a partir do momento que sua principal utilização é para entrar em contato com amigos.

Já Tadeu argumentou que, embora busque priorizar seu perfil no *Facebook* para assuntos profissionais, é impossível escapar dos pessoais e, por isso, vez ou outra enfrenta situações nas quais se torna complicado preservar sua privacidade. Por este motivo não gosta de assumir seu relacionamento com Danilo na rede e reconhece que, às vezes, procura se lembrar de selecionar as fotos das festas que frequenta e publica em seu perfil. Ainda assim Tadeu diz que adora ver fotos dos outros e divulgar as suas, caso contrário, o *Facebook* perderia parte de seu atrativo. As fotos são uma das ferramentas comumente utilizadas para que o sujeito não apenas construa uma imagem ou performance em rede, mas também contextualize as informações que os demais disponibilizam e sintam mais ou menos atraídos por estabelecer laços de sociabilidade.

No caso de Tadeu, há uma prioridade por fotos nas quais está viajando e trabalhando, uma possível mostra de como o entrevistado poderia estar tentando “agradar”, ambas facetas tanto profissionais quanto pessoais, no sentido de divulgar, imagetivamente, o que de interessante está fazendo. Fotos da rotina, argumenta, não são interessantes, a partir do momento que não o posicionam como um sujeito que faz “algo a mais”, como define. A expressão e o reconhecimento feitos pelo entrevistado mostram como as fotos podem ser usadas como construtores de performance e facilitadores de sociabilidade.

As distintas funcionalidades dadas às redes se justificam pelos específicos atributos estabelecidos tanto pelo indivíduo criador de determinado perfil em determinada rede, quanto pelos critérios acordados pelo coletivo. Esta foi a principal razão que levava os interlocutores a não possuírem apenas uma rede da internet e por estarem sempre migrando de contexto e de *interface*, levando-os a utilizarem várias ferramentas simultaneamente.

Segundo Lia, enquanto se conecta para responder correios eletrônicos, aproveita para entrar no *Facebook* e ver “o que as pessoas estão fazendo”. A conta de *e-mail* consiste em uma ferramenta para tratar de assuntos em profundidade e de se comunicar, sobretudo, em questões do trabalho. O *Facebook* é utilizado, como primeira intenção, para ócio e para se informar acerca do que, socialmente, seus amigos estão publicando ou dizem estar fazendo. Lia não gosta de publicar muitas coisas

a seu respeito, mas sempre que pode, comenta uma foto ou deixa alguma mensagem para um amigo específico. Percebo nestas ações da entrevistada a intenção de fortalecer os laços sociais e incrementar o capital social advindo daquele relacionamento, caso contrário, os horários de vida extremamente diferentes acabariam por distanciá-la de pessoas que ainda gostaria de preservar o convívio, mesmo que este ocorra apenas e tão somente pela mediação das redes da internet.

“eu não publico todo dia [nas redes sociais da internet], para eu fazer isso tem que ser alguma coisa interessante, no sentido de me marcar. Teve um dia que eu até coloquei: ‘ah, ‘tô muito preocupada, minha cachorrinha adoeceu’, mas não coloquei no sentido de: ‘quantas pessoas vão comentar?’, mas é como se eu estivesse desabafando, para mim é o que ‘tô vivendo. Se eu estiver em um momento difícil, não vou colocar lá uma foto, uma imagem pra todo mundo rir, não coloco coisas se aquilo não estiver refletindo a minha realidade naquele momento. Acaba que quando eu escrevo alguma coisa, tanto se estiver chateada ou se eu estiver muito feliz, eu quero dividir isso com as pessoas que eu conheço, com as pessoas próximas, que nem um convite para um casamento, uma formatura: tu queres dividir aquilo com as pessoas que são próximas, que te conhecem. Apesar de ser público, apesar de ser redes sociais eu não quero que o cara que tá lá do outro lado, que eu não sei nem quem é, saiba. Sou muito fechada, mas eu acho que tem um limite, mesmo sendo redes sociais com o

acesso de tanta gente pela internet. Agora sei que tem muita gente que faz coisas bem diferentes na internet: daí ou ela mudou ou a gente não sabe o que ela tá passando, mas eu acho que a página [o perfil na rede social da internet] acaba sendo um desabafo. A gente não sabe o que a pessoa ‘tá passando, às vezes a gente muda de opinião num estalar de dedos’ (Lia).

A referência acima permite perceber como as autobiografias dos perfis das redes da internet possuem uma tendência a encaminhar os relatos para uma afirmação e construção do sujeito perante o social, de maneira que possa se destacar, seja através das fotos que publica, seja nos assuntos que ressalta como de interesse. Assim, se no século XIX, escreviam-se diários e se grifavam informações de si com o intuito de se firmar diferenças e especificidades, através do relato de vidas contadas em narrativas extraordinárias e bem contadas, com uma nítida influência romântica, hoje, percebe-se nas páginas de perfis pessoais da internet um sujeito que se narra e se mostra de maneira a fazer parte, a assimilar, a resistir, a se resignificar e a construir o capital simbólico, a partir da relação estabelecida consigo e com o Outro, de sua identidade.

SOBRE O ENCANTAMENTO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O jogo de interesses, a seleção de redes sociais e a forma de interação com estas e com os sujeitos presentes nelas, acompanham a pesquisa realizada

por Miller (2000) acerca das formas de apropriação realizadas pelos indivíduos. Sobre isto, a própria questão da performance e a intencionalidade que cada um dos sujeitos tinha em suas redes sociais, eram mostras do direcionamento de sociabilidade realizados através destes objetos. Desta maneira, as redes sociais da internet podem ser percebidas como a construção de anseios, intenções e objetivos.

Aproveito para ratificar que as páginas das redes sociais da internet podem ser percebidas como o resultado da relação entre sujeitos e das próprias sensações trazidas quando estes entram em contato com seus perfis na rede, bem como as demais possibilidades propiciadas pela tecnologia. Miller (2000) alerta para a criação de uma essência vital nestes objetos, a qual pode chegar a níveis não controlados pelos sujeitos, devido ser partilhada, seu controle total não é possível, pois parte desta essência é exclusiva ao encantamento exercido pelas redes da internet nos sujeitos.

Destarte, a identidade pode ser encontrada com influências tanto do mundo público quanto no pessoal, pois quando o sujeito se projeta, este também se dá conta de quem é ou de quem gostaria de ser, daí a importância das redes sociais, que sempre acompanharam a trajetória humana, fossem na forma de núcleos familiares, de amizades, do trabalho ou, como mais recentemente temos nos deparado, com as redes sociais presentes no chamado ciberespaço. O sujeito se constitui de maneira fragmentada, porque as realidades nas quais se insere são diversas e fluídicas,

tanto no que tange ao tempo quanto ao espaço, categorias estas exploradas nas bases desta pesquisa, conforme avalia Miller (2000:6): “a criação do ciberespaço é claramente uma expansão do espaço-tempo”.

Grande parte desta dinamicidade de espaço e de tempo pode ser percebida no contexto do ciberespaço, o qual diz respeito muito mais a um estado de trajetória do que a algo. Nesse sentido, as reflexões sobre esta temática estão centradas na questão da extensão que os sujeitos fazem destes ambientes de rede social, bem como nos diversos tipos de interferências geradas a partir da interação entre sujeitos e redes sociais da internet. Logo, a própria ideia de que se é dono de um determinado local na *web* é fantasiosa, pois este passa a ser um cenário de trocas sociais e não apenas individuais, configurando espaços de sociabilidade, experiência, performance e interação. Sobre este ponto, Gell (1998) ressalta a existência e capacidade da *web* de relacionar e colocar, em um palco de interação sujeitos e coisas, a objetificação. Isto posto,

“a *web* (na sua forma total) é um objeto no qual nós somos capazes de seguir como um movimento do pensamento, um movimento da memória alcançando o passado e um movimento de aspiração, sondando entre um não realizado, ou talvez não realizável futuro. Através do estudo destes artefatos, nós somos capazes de ter uma ideia de como estas disposições externas (e eternas) destes atos públicos de objetificação e simultaneamente de envolvimento da consciência de uma coletividade, transcendem o

ambiente individual e coordenam um particular aqui e agora” (Gell 1998:258).

Desta forma, estando a cultura vinculada com uma série de conceitos semióticos de significados, sua preocupação principal centra-se na forma pela qual os sujeitos compreendem o mundo ao redor e seu universo interno, através do uso de uma linguagem simbolicamente compartilhada. Estes sujeitos também agenciam em muito suas próprias culturas, inclusive suas tecnologias, conforme salienta o antropólogo Paul Rabinow (1999:77), quando interpreta de que maneira as representações são formas de se compreender os fatos sociais, assim: “A conversação entre indivíduos e culturas somente é possível dentro de contextos moldados e limitados por relações históricas, culturais, políticas e práticas sociais parcialmente discursivas que as constituem”.

Destaco a possibilidade de, nas redes sociais da internet, o sujeito estar mais livre para selecionar o conteúdo que deseja ter acesso ou que deseja estabelecer laço, ainda que por breve momento de sociabilidade. Enquanto alguns interlocutores mostraram cautela sobre a divulgação e fotos, outros buscaram selecionar acontecimentos, como festas e férias.

Sempre que possível, estas fotos possuem outros sujeitos que, ao terem seus nomes marcados por aquele que publicou a foto, são notificados, automaticamente, seja via correio eletrônico, seja por mensagens que chegam dentro da própria rede social, na qual a foto se encontra disponível. Esta se mostra uma atualização dos exemplos

de sociabilidade trazidos por Simmel (1971, 2006), tanto sobre as pontes que o ato implica quanto para a questão do conteúdo e de sua seleção, trazida pelo autor, já que promove o debate e a reunião das pessoas ali fotografadas, bem como permite o replique de comentários de quem a vê publicada.

Dado curioso é o de que, mesmo entre aqueles interlocutores que afirmaram não publicarem fotos suas, seja por falta de tempo ou por questões de privacidade, foi unânime o interesse em ver fotos, ainda que de pessoas não tão próximas a seu ciclo social. Aí residem uns dos pontos fortes das redes sociais da internet: pode-se ver muito, sobre vários, sem necessariamente se identificar ou realizar algum comentário, diferente da vida *off-line* que, muitas vezes, demanda mais expressões e práticas verbais ou gestuais na interação social.

Dalila afirmou utilizar outras ferramentas das redes sociais, as quais acabam por, mesmo que não seja a intenção consciente da entrevistada, divulgar determinados aspectos de sua identidade e de buscar consequências positivas para sua atuação profissional. Exemplo disto é o registro do local que se encontra em determinado momento, o denominado *check-in*¹¹, o qual Dalila realiza frequentemente:

“estava na pós-graduação e coloquei o *check-in*, até para meus alunos saberem o que estava fazendo, para saberem que estava me qualificando, daí viram e na segunda já vão chegar me perguntando: o que foi, como foi, uma forma de interação, de divulgar, porque às vezes é difícil a pessoa saber que ‘tô fazendo

um curso e daí é bom as pessoas do meu dia a dia, do meu trabalho, saberem” (Dalila).

A grande questão é que, devido à liberdade para se colocar qualquer foto, o sujeito pode tanto se representar tal qual é no mundo *off-line*, quanto revelar características específicas do que constitui a percepção e os anseios de e sobre si. Assim, as performances *on-line*, bem como as *off-line*, podem ser formas de ocultar ou destacar aspectos que também podem oscilar e se transformar, o que não deixa de passar pela questão de como o sujeito se reconhece ou deseja ser percebido. De acordo com a pesquisadora em Comunicação, Catarina Moura,

“uma ideia imagem – construída à medida do simulacro que a envolve e em resultado direto do permanente encontro/desencontro do corpo com o seu *outro-sublimado*, fabricado pelas novas tecnologias.

A experiência cotidiana do sujeito contemporâneo encontra-se marcada pelos diversos dispositivos que o ligam e desligam do que o rodeia. Telemóvel, televisão, internet, jogos de computador, ... ligar/desligar – ligar/desligar - ligar/desligar – ligar/desligar ... O sujeito salta de máquina em máquina, funde-se com ela, dilui-se nela, exige tudo dela como ela exige tudo de si. Com isso algo se perde – algo se cria – algo se transforma” (Moura 2002:8).

Sendo assim, o ambiente do ciberespaço permite que o sujeito se encontre parcialmente liberado dos aspectos físicos de seu corpo. É acompanhado, desta maneira, muito mais pela ideia

de si próprio e a possibilidade da experiência de posturas e situações *on-line*, as quais, em algum nível, poderão sofrer interferências do plano *off-line* e vice-versa. Sobre este aspecto específico, faço a ressalva sobre o que muitas vezes é interpretado como fuga ou falseamento de si: o fato de que, para acessar a internet, não é necessário ter um corpo físico correspondente ao que se vive *on-line*, o que não significa que este não exista como representação dos autorreconhecimentos ou anseios da experiência *off-line*, a exemplo da seleção de fotos disponibilizadas pelos usuários em seus perfis. Rodrigo detalha que houve situações em que simulou ser do sexo feminino, nas redes sociais da internet:

“Para experimentar umas coisas eu gosto do anonimato das redes porque Eu, minha vida, ninguém toca. Por isso não publico Nada sobre minha vida, só sobre meu trabalho, meu amor pela fotografia, não gosto de publicar fotos pessoais porque a gente pode receber um comentário ruim e ser atacado a qualquer instante, é muita exposição. Mas eu gosto tanto do que faço [com o que trabalha] que só procuro essas coisas na internet e nos meus contatos das redes sociais. E pornô que todo mundo gosta, mas aí eu uso o anonimato” (Rodrigo).

Apesar da pontuação positiva acerca da liberdade oferecida pela internet e suas redes sociais, possuir um corpo físico no mundo *off-line* também influencia na formação da identidade do sujeito, uma vez que este será o responsável por contar a(s) história(s), trajetória(s) e algumas das principais características

do indivíduo, inclusive sobre as formas de relação que este estabelece com o mundo, consigo e com os demais. Destarte, o percurso de vida e das próprias ideias e percepções do sujeito são expostas em seu corpo físico, na figura de um objeto que fala, que conta uma história.

Assim, corpo *off-line* e corpo *on-line* se encontram na esfera do campo das ideias e das características já possuídas ou em construção do sujeito, conectados nesta percepção pela subjetividade, em um sentido de que se possui o corpo e o corpo também nos possui, que participamos de redes sociais da internet, mas elas também nos possuem, elas também fazem parte daquilo que nos constitui e nos constrói, em situação de vertigem que configura o ato de possuir, mas simultaneamente de abrir mão do próprio corpo para, somente assim, poder vir a ser de outras formas, ultrapassando as fronteiras do material para contemplar as possibilidades do que é essência.

Neste ponto reside a questão destacada por Geertz (1973) acerca da teia de significados determinados e construídos culturalmente, a qual permite que um símbolo seja capaz de carregar inúmeros significados, os quais serão acionados de acordo com o contexto ao qual se refere determinada análise, uma vez que “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (Foucault 1979:12).

Ao longo das falas dos sujeitos, percebi que as fotos disponibilizadas nas redes

sociais da internet funcionavam como símbolos de performance acerca do que se deseja passar ou da identidade que o sujeito procura transparecer. Por conseguinte, a tecnologia fomenta anseios que já existiam no sujeito: da experiência, da imaginação, da busca, da influência, da construção; razões estas que levaram a uma modificação e uma ressignificação das formas interativas com o mundo e com a individualidade, em um encontro/desencanto do sujeito que surge a partir destas novas interações com o mundo e com os demais.

Assim, se em alguns casos a ideia do “anonimato” permite percorrer situações que de outra forma não seriam escolhidas se a identidade fosse revelada, em outros momentos o sujeito faz questão de ser assim reconhecido e se (auto)afirmar, apesar disto, ambas as situações não são, necessariamente, ambíguas, pois todas estão interligadas pelas intencionalidades identitárias do sujeito, de acordo com o momento, a finalidade, os objetivos e, inclusive, a justificativa que pode ser dada, na teia dos significados culturais e sociais, para as ações e interpretações realizadas.

Percebo como as redes sociais da internet permitem que os sujeitos possam ter suas vidas e determinados assuntos partilhados, com o intuito de aumentar não apenas a exposição de suas individualidades, mas de promover suas representações, seus valores e aquilo que lhes complementa na identidade, através das experiências trazidas pela interação social. Assim, há uma busca pelo aprofundamento do capital social e de sua identidade, em uma visão global ou sobre assuntos específicos.

É nesta busca que, constantemente, podem-se agregar, questionar e descartar valores e conceitos, performances e subjetividades de maneira a nunca se ter um sujeito de práticas fixas, mas, conforme propõe Nietzsche (2002), um sujeito que é transição e queda, é ponte e não fim.

NOTAS

¹ O termo faz referência à interação entre homem e tecnologia, inclusive, em questão de interferências no próprio corpo, como pernas mecânicas e objetos acoplados ao corpo capazes de simular testes de direção de carro, demonstrando que nossa relação com o mundo é aprofundada a cada dia com a interferência maior de objetos da ciência e que nos levam a questionar o que é o real e exclusivamente humano, bem como se isto é, se quer, passível de existência.

² Considera-se *on-line* o instante em que o sujeito está conectado a alguma rede social da internet ou se reporta a este mundo e como se representa socialmente e interage neste.

³ O *off-line* diz respeito a ações e percepções interativas do sujeito fora da internet e de suas redes sociais.

⁴ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos interlocutores.

⁵ Expressão inglesa que denota uma conexão para um arquivo textual ou imagético maior, destarte leituras sobre outros assuntos afins com o texto que se lê no momento, bem como mais informações ou complementações ao assunto podem ser acessadas a partir de uma única leitura, visto que um texto de internet pode apresentar diversos *hiperlinks* sobre variados temas afins, geralmente se apresentam em cores

de destaque em relação ao texto principal, o que denota a possibilidade de “ponte” para outra página/informação.

⁶ Do original *The fame of trinis: websites as traps*. A pesquisa de Miller foi realizada de Janeiro a Março de 1999 e envolveu o estudo de 60 *sites* pessoais e 60 *sites* comerciais. O estudo destes objetos, segundo o autor, é melhor compreendido se seguimos as premissas de Alfred Gell sobre a criação de armadilhas estéticas que expressam os resultados sociais que os criadores destes *sites* obtêm em trocas sociais e comerciais através da utilização da internet. Logo, o ciberespaço pede uma revisão dos conceitos de espaço-tempo, uma vez que os criadores destes *sites*, a exemplo da experiência de Kula, irão experimentar a expansão de valores tanto individuais quanto de todo um grupo, no caso do artigo de Miller, o Estado-nação Trinidad e Tobago. A internet, com a consequente criação destes *sites*, passa a ser uma forma de ganhar visibilidade internacional.

⁷ Conjunto de páginas da internet acessíveis e organizadas com endereços eletrônicos próprios, os chamados *Uniform Resource Locator* (URL). Cada página possui conteúdo que pode ser textual, imagético, com animações, dentre outros. O conjunto de *sites* compõe a *World Wide Web*, também conhecida como *Web* e *WWW*, um sistema de documentos interligados e acessíveis pela internet.

⁸ O termo é resultado da junção de duas palavras “*ciber*”, que remete à “cibercultura”, e “*zapping*”, conhecido como o ato de trocar constantemente os canais da televisão em busca de programação.

⁹ Domínios de Multi-Usuários, em referências às redes sociais da internet, termo utilizado tanto para se referir às interações de jogos em grupos quanto para canais/salas de conversa, dentre outros.

¹⁰ Denomina-se “janela” às diferentes portas de acesso a determinada informação.

¹¹ Esta ferramenta permite indicar, a partir de um rastreamento geográfico, a localização na qual determinada foto foi tirada ou local que se esteve.

REFERÊNCIAS

Barth, F. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Borges, J. L. 1979. *Livro dos Sonhos*. São Paulo: Difel.

Bourdieu, P. 1979. *O desencantamento do mundo: Estruturas econômicas e estruturas temporais*. Tradução de Sílvia Mazza. São Paulo: Editora Perspectiva.

Carrol, L. 2010. *Alice através do espelho*. São Paulo: Salamandra.

Derrida, J. 1996. *Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. Fordham University Press. Disponível em <http://tinyurl.com/7pmt5km>. Acesso em 25 fev. 2012.

Foucault, M. 1971. *L'ordre du discours*. Paris: Éditions Gallimard. Disponível em <<http://filoesco.unb.br/foucault/ordem.pdf>>. Acesso em 26 de Jun. 2011.

_____. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Geertz, C. 1973. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.

Gell, A. 1992. *The technology of enchantment and the enchantment of technology*. Oxford: Clarendon Press, pp.40-63.

_____. 1998. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press.

Haraway, D. 2009. *Manifesto ciborgue*. Disponível em <http://deriva.wikispaces.com/Manifesto+Ciborgue>. Acesso em 28 set. 2012.

Miller, D. 2000. *The fame of trinis: websites as traps*. London: University College, Journal of Material Culture.

Recebido em 27/03/2014

Aprovado em 30/07/2014

Moura, C. 2002. *A vertigem: da ausência como lugar do corpo*. Disponível em <http://tinyurl.com/7u5er54>. Acesso em 22 fev. 2012.

Nietzsche, F. 2002. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus. Disponível em <http://tinyurl.com/7thg8to>. Acesso em 24 fev. 2012.

Rabinow, P. 1999. Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na Antropologia. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.

Recuero, R. 2004. *Redes sociais na internet: considerações iniciais*. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf>. Acesso em 22 fev. 2012.

_____. 2011. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica, in *Anais do V Seminário Internacional de Comunicação*. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>. Acesso em 18 fev. 2012.

_____. 2012. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

Simmel, G. 1971. Philosophy of the Social Sciences, in *On individuality and Social Forms*. Editado por D.N. Levine, pp.3-40. Chicago and London: The University of Chicago Press.

_____. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Turkle, S. 1997. *A vida no Ecrã: a identidade na Era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Velho, O.G. (Org.). 1976. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.